

# “PADRÃOZINHO COM ALMA DE POC”: DESEJABILIDADE SEXUAL ENTRE HOMENS QUE FAZEM SEXO COM HOMENS E VULNERABILIDADE AO HIV/AIDS NA REGIÃO METROPOLITANA DO RECIFE

“PADRÃOZINHO COM ALMA DE POC”: SEXUAL DESIRABILITY AMONG MEN WHO HAVE SEX WITH MEN AND VULNERABILITY TO HIV/AIDS IN THE METROPOLITAN REGION OF RECIFE

## RESUMO

O texto discute a estilização corporal *boy padrão*, seus atributos de desejabilidade erótica e implicações na vulnerabilidade ao HIV/Aids, nos circuitos de sociabilidade de homens que fazem sexo com homens (HSHs) da Região Metropolitana do Recife. Os dados foram coletados entre 2019 e 2022, em pesquisa etnográfica que envolveu observação participante e 38 entrevistas com HSHs, de idade variando entre 20 e 38 anos. *Boy padrão* articula uma variedade de marcas corporais como idade (que configurem um jovem estabelecido financeiramente), de gênero (que configurem masculinidade), de “cuidados com o corpo” (que configurem classe média), de raça (que configure branquitude) numa estilização de homens valorados como belos, produtores de desejabilidade erótica. Esta estilização atualiza sentidos de saudável (pelos cuidados de si, pela beleza e pela associação entre classe média e maior escolarização) e pode despotencializar o uso do preservativo no sexo anal, sobretudo em cenas em que outros indicadores configurem *confiança* e *tesão*.

**Palavras-chave:** HSH. Gênero. Interseccionalidade. Gestão de risco. Vulnerabilidade. HIV/Aids.

## ABSTRACT

The text discusses the “boy padrão” (Standard boy) body stylization, its attributes of erotic desirability and implications for vulnerability to HIV/Aids, in the sociability circuits of men who have sex with men (MSM) in the Metropolitan Region of Recife. The data was collected between 2019 and 2022 in ethnographic research involving participant observation and 38 interviews with MSM, aged between 20 and 38. “*Boy Padrão*” articulates a variety of bodily marks such as age (that configure a financially established young man), gender (that configure masculinity), ‘body care’ (that configure middle class), race (that configure whiteness) in a stylisation of men, valued as beautiful, producers of erotic desirability. It updates meanings of healthy

---

### Ingrid Vitória Maciel de Melo Silva

Cientista Social e Psicóloga, Mestranda em Psicologia Cognitiva na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Bolsista de Mestrado da Fundação de Amparo a Pesquisa de Pernambuco. E-mail: [ingrid.vitoria@ufpe.br](mailto:ingrid.vitoria@ufpe.br). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4978-5086>.

### Luís Felipe Rios

Doutor em Saúde Coletiva pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Professor Titular da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq. E-mail: [luis.rnascimento@ufpe.br](mailto:luis.rnascimento@ufpe.br). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0767-7845>.

(through self-care, beauty, and the association between middle class and higher education) and can make the use of condoms in anal sex less important, especially in scenes where other indicators show *confidence* and *arousal*.

**Keywords:** MSM. Gender. Intersectionality. Emotions. Vulnerability.

No trabalho, por exemplo, eu sou mais durinho. Assim, mais *machudinho*<sup>1</sup>. Mas, quando eu estou com meus amigos, quando eu estou... Aí eu sou *pintoso*<sup>2</sup> mesmo. [É?] É, o *padrãozinho*, com a alma de *poc*. (Miguel)

## Introdução

Este trabalho discute o modo como as estilizações corporais contribuem na mediação da gestão de risco para o HIV. Ele investiga os sentidos da categoria êmica “*boy padrão*” nos circuitos de sociabilidade homossexual da Região Metropolitana do Recife (RMR).<sup>3</sup> Nossa intenção é contribuir para a reflexão sobre desejabilidade erótica e vulnerabilidade dos homens que fazem sexo com homens (HSH) ao HIV/Aids, uma população ainda fortemente afetada pela epidemia (BRASIL, 2024). Nesse âmbito, são especialmente necessárias discussões sobre as experiências sexuais (parcerias e práticas) e como estas se configuram na intersecção entre os marcadores sociais da diferença, advindos dos sistemas de sexo/gênero, classe social, idade/geração, raça/etnia, entre outros. Uma discussão que também é sobre o que move os desejos sexuais dos homens e como estes se configuram nas interações e nos/pelos corpos.

Ao longo dos estudos das homossexualidades brasileiras, emergiu uma plêiade de categorias nativas para nomear o que os estudos epidemiológicos hoje denominam HSHs<sup>4</sup>. Categorias nativas engendradas pelo sistema de sexo-gênero, como definido por Gayle Rubin (1993), as quais, na esteira de Judith Butler (2003), entendemos como “estilizações corporais”: figurações das classificações inerentes à operação dos supramencionados sistemas sociais. De outro modo, as estilizações são composições sociais, resultados estéticos e de expressividade do agenciamento de elementos corporais (constituição física, gestual, vestuário, adorno, sotaque, cheiro, gosto, textura etc.), os quais têm efeitos de enunciações de identidades. Assim, quando alguém é

---

1 Masculino.

2 De dar *pinta*: realizar gestos concebidos como femininos.

3 O trabalho teve apoio de bolsa de produtividade em pesquisa do CNPq (processo 310468/2018-3) e de bolsa de Iniciação Científica pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Pernambuco (FACEPE).

4 A categoria HSH surge na Inglaterra, no âmbito de um projeto de prevenção do HIV/Aids. Era um modo de apontar a distinção entre práticas e identidades, uma vez que as ações interventivas, até então, se direcionavam para pessoas que se identificavam como gays ou homossexuais, deixando de atingir muitos homens com práticas homossexuais (DEVERELL; PROUT, 1999). O uso da categoria também informa a importância de perceber as lógicas das múltiplas culturas sexuais, e como engendram sentidos sobre as posições de gênero e erotismo, em múltiplas e sugeris categorizações êmicas.

adscrito a uma estilização por uma configuração imagética, que emerge em dada interação, há a produção de sentidos: disposições, significados, valores, emoções que vão mediar a ação (RIOS, 2020).

No Brasil, Peter Fry (1982) foi um dos primeiros autores a discutir a formação das parcerias de homens com práticas homossexuais, articulando classe social, identidades de gênero e posições sexuais (“ativo”/“passivo”). Ele observou duas formas de organizarem as parcerias homossexuais. A primeira, encontrada nas classes mais pobres, denominou como hierárquica, na qual distingue “homens” (chamados também de “bofes”) e “bichas”. Os primeiros seriam concebidos como “ativos” (insertivos nas interações sexuais) e masculinos e os segundos “passivos” (analmente receptivos) e femininos. Uma outra modalidade de interações sexuais entre homens, observada nas classes médias, seria concebida por ele como mais igualitária, em que os participantes da cena sexual seriam denominados “entendidos” ou “homossexuais”, independentemente de maneirismos ou posições sexuais. O autor, entretanto, relativiza: “[...] as áreas onde esses modelos encontram uma expressão total são raras e [...] na maior parte da população brasileira os dois modelos coexistem [...] [e] podem ser invocados situacionalmente pelo mesmo ator social. (FRY, 1982, p.105).

Fry (1982) atribui a diferença encontrada a um processo de modernização do sexo, carregado pelo uso do discurso médico para a explicação das sexualidades, que ele propõe que ganharia força no futuro, alavancado pelas classes médias, dado o poder que têm na formação de opiniões. Vários estudos subsequentes vão mostrar a forte permanência de um modelo hierárquico nas classes pobres e do modelo igualitário nas classes médias e na elite (PARKER, 1991; RIOS, 2021; MOUTINHO, 2006; MONTEIRO et al., 2010; SIMÕES; FRANÇA; MACEDO, 2010; FRANÇA, 2013a; 2013b). A literatura produzida desde Fry (1982) também vai mostrar uma variedade de estilizações de gênero, que hierarquizam os homens erótica e socialmente em função da intersecção com outros marcadores, como posição sexual, gênero, classe, idade/geração, raça, conformação corporal, região, religião etc.

Assim, nas etnografias das comunidades *gays* brasileiras, o arco-íris de possibilidades de ser HSH vai se fazendo (cf. FACCHINI; FRANÇA; BRAZ, 2014). Exemplos são o *negão*, másculo, e a *bicha preta*, efeminada, da etnografia do Centro de São Paulo produzida por Simões, França e Macedo (2010); o *cafuçu*, homem negro, másculo, HSH e mulheres (HSHM), não-*gay* identificado, das pesquisas de França (2013b) e de Rios et al. (2019b) em Recife; a cena dos ursos, em suas variadas estilizações relacionadas a sentidos de idade, massa corporal e distribuição dos pelos no corpo, das pesquisas realizadas em São Paulo e Recife (FRANÇA, 2013a; RIOS, 2018).

Ainda sobre a RMR, *locus* da pesquisa aqui discutida, as duas categorias mais usadas para nomear as performances de masculinidade e feminilidade dos homens são, respectivamente, *boy* e *pintosa*. O *boy* se diferencia do *cafuçu*, especialmente pelo primeiro se identificar como *gay* e o segundo não. Em outras fases da pesquisa aqui discutida, além de *pintosas*, *boys* e *cafuçus*, identificamos ainda dois subtipos de *pintosas*, conforme as narrativas dos interlocutores, caracterizadas como *bichas pocs*, efeminadas, extravagantes e mal vestidas, e *bichas cocotes*, efeminadas, finas e bem

vestidas. As primeiras, associadas à frequência de uma boate popular da cidade, o Meu Kaso Bar – MKB, e as segundas, frequentadoras da Metrópole, a boate mais longa e próspera da RMR (RIOS; VIEIRA, 2022).

Foi bastante eloquente, nas entrevistas realizadas entre 2019 e 2022, uma outra categoria utilizada para descrever os homens considerados nas redes de sociabilidade de homens gays e outros HSHs como os mais belos e desejados eroticamente, *padrão*, objeto deste artigo. Categoria que Miguel (27 anos, *boy*, *versátil*, solteiro, formado em Geografia, cursando Arquitetura, estagiário, classe média) utiliza para se referir a si mesmo, cujo excerto da narrativa foi reproduzido acima.

## Metodologia

O estudo faz parte de uma pesquisa de enfoque etnográfico que vem acontecendo desde 2013 (Tabela 1) e investiga as práticas de gestão de risco de HSHs ao HIV. As fases 5 e 6, objeto deste texto, foram realizadas entre março de 2019 e fevereiro de 2022, por meio de observação participante em espaços de homossociabilidade e 38 entrevistas com HSHs residentes na RMR. Neste trabalho buscamos, nas narrativas de nossos interlocutores, os sentidos da categoria êmica *padrão*, utilizada nas descrições de si próprios, dos parceiros sexuais e também de espaços de sociabilidade e, na relação com outras estilizações corporais, como media a gestão de risco para o HIV.

**Tabela 1:** Fases da coleta de dados

Fase	Período	Atividade
1	2013 – 2016	Observação participante em lugares de homossociabilidade da RMR
2	2015	Entrevista com enfoque biográfico com 25 HSHs
3	2016 – 2017	Inquérito comportamental com 380 HSHs
4	2016 – 2017	Entrevista temática com 20 HSHs participantes do inquérito
5	2019 – 2022	Observação participante em lugares de homossociabilidade da RMR
6	2019 – 2021	Entrevista com enfoque biográfico com 38 HSHs
7	2022 - 2024	Observação participante em lugares de homossociabilidade da RMR
8	2022 - 2024	Entrevista com enfoque biográfico com 41 jovens HSHs
9	2022 - 2025	Entrevista temática com 26 informantes-chaves (pessoas que atuam na comunidade gay)

**Fonte:** autores

Foi produzida uma amostra de conveniência, na qual foram entrevistados homens cisgênero, de idade variando entre 20 e 38 anos; 23 eram negros, 13 brancos, 1 amarelo e 1 não se autoidentificou por raça; 7 possuíam o ensino médio, 19 curso superior incompleto, 11 curso superior completo e 1 ensino técnico. No que se refere

à posição de classe socioeconômica<sup>5</sup>, 21 foram classificados como pobres, 9 como remediados e 8 como de classe média.

Para classificação de estilizações de gênero, utilizamos as categorias nativas *boy* (masculino) e *pintosa* (feminino). Ela foi realizada pelas(os) pesquisadoras(es) e não foi autoatribuída. Vale destacar que, desde as primeiras fases da pesquisa, os informantes, ao serem questionados quanto à identidade de gênero, confundiam-na com a identidade sexual, ou simplesmente diziam que eram homens, o que dificultava uma análise dos efeitos das estilizações de gênero em fenômenos como desejo, violência e saúde mental. Para sanar a dificuldade analítica, a equipe se reuniu e mapeou os indicadores para as classificações êmicas de gênero, cuja lógica foi utilizada para a heteroidentificação. Cada entrevistador/a passou a atribuir o gênero de seus interlocutores, a partir da performatividade no momento da entrevista, justificando no protocolo da entrevista o motivo (sotaque, modos de vestir e se expressar) da escolha categorial. Assim, 14 foram classificados como *boys*, 22 como *pintosas* e 2 não foram classificados.<sup>6</sup> Em relação às posições sexuais, 8 eram ativos (insertivos no sexo anal), 5 passivos (receptivos no sexo anal) e 22 versáteis (insertivos e receptivos no sexo anal), 3 não declaram posição sexual.

As entrevistas foram constituídas a partir de dois eixos: 1) lugares de homosociabilidade e suas dinâmicas; 2) práticas sexuais. Parte delas foi realizada online, usando o *Google Meet* como medida de proteção frente à epidemia de Covid-19. Gravadas e transcritas, foram submetidas a uma análise de conteúdo por meio da qual se procurou identificar as categorias nativas usadas para constituir práticas de significações (RIOS; ADRIÃO, 2022). O foco para este texto foi, como já aludido, a categoria êmica *boy padrão* e a gestão de risco para HIV. A pesquisa seguiu os preceitos contidos nas normas de pesquisa envolvendo seres humanos, tendo sido aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Pernambuco. Neste trabalho, usamos nomes fictícios para garantir o anonimato e confidencialidade dos nossos interlocutores.

## Resultados: *Boy padrão*

Na epígrafe deste trabalho, Miguel se refere ao seu jeito de ser e de se expressar de modo bem-humorado. Na sua descrição, une duas figuras de ser homem consideradas antitéticas: a *bicha poc* e o *padrão*. A imagem produzida na narrativa revela os dilemas das expressões de gênero e suas consequências relacionadas à opressão e ao desejo. Em outro texto, exploramos os sentidos da “*bicha poc*” também chamada de “*bicha pão*”

---

5 Os extratos A e B correspondem à renda *per capita* acima de dez salários mínimos (SM), denominada de elite; o C corresponde à renda *per capita* entre quatro e dez SM, denominada como classe média; o extrato D, entre dois e quatro SM, classe remediada; e o extrato E até dois SM, classe pobre (CASTRO, 2011).

6 Entrevistas realizadas por vídeo chamada, por conta da pandemia de Covid-19. O entrevistador teve dificuldade de relacionar características dos entrevistados às categorias de gênero mencionadas, não classificando os interlocutores.

com ovo” ou “*bicha quá-quá-quá*”, associada ao homem feminino pobre e extravagante, que expressa seu pertencimento de classe no modo de vestir e nos maneirismos (RIOS; VIEIRA, 2022).

O *padrãozinho* não é um simples sinônimo de *boy*/homem masculino. O termo revela nuances de ser homem que, como buscaremos demonstrar, remete à idade/geração, gênero, classe e raça. Uma estilização bastante desejada como modelo identitário e objeto erótico, o que alimenta a brincadeira com as palavras de Miguel.

## Padrãozinho

Exploraremos os sentidos de *boy padrão*, amplificando a categoria por meio das narrativas de outros de nossos interlocutores. Iniciemos pela autodescrição de Bento (25 anos, pardo, *boy*, *versátil*, namorando, enfermeiro e professor, classe remediada):

É porque existe o estereótipo, né? De que quem é o melhor. É o que comanda, e não é isso? Não é assim, não é bem assim, né? E também acho que foi por relação a oportunidade, né? Eu acho que é o contexto que diz muito pra qual caminho você vai. Como eu sempre fui mais voz grossa e uma postura mais, é, *padrãozinha*, então acho que me levei pra esse lado.

A autodescrição de Bento acima vai emergir na narrativa quando ele busca compreender as mudanças de desejo que experimentou ao longo da vida, especialmente o fato de se deslocar da posição sexual exclusivamente *ativa* para *versátil*. Também de seu desejo por homens estilisticamente *padrão* para outras conformações corporais, o que qualifica como conquistas de maturidade. Para Bento, *padrão* tem sentidos de masculinidade (voz e postura) que têm traduções hierárquicas (melhor, comando), de posição sexual (ativo), e se configura em oportunidades (com quem vai interagir sexualmente) contextuais.

Nas entrevistas, a categoria *padrão* emerge como uma configuração multifacetada para que os interlocutores descrevam a si mesmos e aos homens com quem já se relacionaram. Seria resultante de um modo politético<sup>7</sup> de operar classificações (SEGATO, 1995; RIOS, 2018), no qual o critério para inclusão de alguém à categoria pode variar, sendo o mais importante a configuração que emerge da interpretação conjunta dos “traços”. Acompanhemos como John (23 anos, pardo, *pintosa*, *ativo*, solteiro, superior, pobre), Túlio (20 anos, branco, *pintosa*, *versátil*, solteiro, estudante universitário, pobre)

<sup>7</sup> Em oposição ao modo monotético, em que um critério é elegido para classificar todas as pessoas nas categorias existentes. Enquanto a classificação monotética é própria da construção do conhecimento científico, a classificação politética é muito utilizada no senso comum. Segato (1995) exemplifica o último modo de operar refletindo sobre a adescrição dos santos de cabeça no Xangô pernambucano. Ela mostra como pessoas com mesmas características podem ser identificadas como de santos diferentes, pessoas muito diferentes podem ter os mesmos santos de cabeça e pessoas podem ser atribuídas aos mesmos santos por características diferentes.

e Elias (35 anos, branco, *pintosa*, *passivo*, superior incompleto, casado, remediado) vão usar *padrão* como descritor dos homens com quem interagiram nas três últimas cenas de sexo anal sem preservativo (SASP), em busca dos indicadores utilizados.

A antepenúltima foi um *padrãozinho*. A penúltima foi um magro. E a última foi com um magro também.... O antepenúltimo tinha 19, o penúltimo tinha 23, e o último tinha 21, se não me engano” (John)

O da primeira vez, que por acaso também se chamava Gilberto, tinha o corpo *padrão*, sabe? Ele era branco, tinha o corpo *padrão*, que não chegava a ser malhado, mas também não chegava a ser gordo, e era meio baixinho. Cabelo liso e curtinho. Olhos escuros. O segundo Gilberto, que foi o da piscina, ele não é branco, mas eu não sei se ele chega a ser negro. Ele tem uma pele mais escura e ele também tem muitos traços indígenas, sabe? Ele tem o cabelo bem liso, olhos pretos, o nariz é meio largo, os beiços são bem avantajados e é um pouquinho mais alto que eu. Já o Márcio, que é o da formatura, ele é branco, *padrão*, tem o cabelo liso, é um pouquinho mais malhado e o olho dele é meio claro, sabe? (Túlio)

[Primeira cena] não era nada *padrão*, sabe? Ele era até bem cobiçado na época pelos outros que conviviam conosco, mas ele era gordinho, tinha um nariz grande, não era tão alto, eu era mais alto que ele. Era mais novo do que eu cinco anos. Enfim, não tinha nada de especial. Branco! O segundo já era um pouco mais *padrão*. Ele tinha a barriga tanquinho, também era mais novo que eu cinco anos, era branco. Alto! [Terceiro, atual esposo.] Fisicamente ele é magro, mas tem o corpo todo proporcional, porque não é aquele magro seco. Ele é alto, mais alto do que eu, pardo e mais novo do que eu. (Elias)

Perguntado sobre as características físicas que chamam mais atenção nos homens, Sandro (24 anos, negro, boy, versátil, solteiro, estudante universitário, almoxarife, classe média) responde: “o sorriso. *Independente de tipo físico.*” No entanto, ele logo se lembra do passado e completa: “*Eu acho que no começo eu tinha mais questões com essa, não sei por que, né? Porque eu não sou padrão. Mas, eu demorei um pouquinho para começar a ficar com pessoas fora do padrão também. Digamos que no começo eu seguia um padrão. A galera que era barbezinha, todo fortão não, mas tinha um padrão.*”

Os quatro interlocutores nos ajudam, pelos contrastes dos tipos físicos dos homens descritos, a delinear indicadores que ajudam a configurar *padrão*: corpo malhado, pele branca, cabelo liso. E aqui evocamos Weber (1979) para entender a categoria como tipo ideal, que dificilmente se realiza em seres concretos, mas nos ajuda na pesquisa e ajuda os homens, na lida na tensão com a realidade, a produzir e dar significação às interações. Assim, o *padrão* não é magro, não é gordo, não é negro. Neste último caso, mesmo desaponando Bento e concordando com Sandro, ambos homens negros másculos e

malhados. A autodescrição de Marlon (38 anos, branco, *boy*, *versátil*, casado, superior completo, professor, classe média) vai agregar outras características à categoria:

Eu sou meio homenzinho cis mesmo. Eu me identifico muito com o binarismo, né? (...) Eu gosto muito de barba, eu adoro camisa masculina de botão, eu gosto de sapato de couro. Eu me identifico muito com essa coisa do homem, desde adolescente, desde jovem já era uma coisa assim... [Certo.] Mas, eu acho que eu sou até meio *padrãozinho*, às vezes demais. Às vezes até pela profissão, né? Como professor a gente tenta manter, talvez. Eu também fui pai muito cedo, então eu também construí a minha identidade pensando no homem que eu seria, que meu filho veria. Então, eu tentei ser, e acho que isso me ajudou muito a me construir dessa forma.

Além de introduzir outras marcas corporais e seus sentidos para as configurações da masculinidade *padrão*, expressas no “homenzinho cis”, na “barba”, na “camisa de botão” e “sapato de couro”, Marlon vai comentar sobre o processo de tornar-se *padrãozinho*. No seu caso, associado à profissão (professor) e ao fato de ter sido “pai muito cedo” e construir a identidade/imagem pensando no que o “filho veria”.

Como Marlon, Reginaldo (26 anos, pardo, *pintosa*, solteiro, superior incompleto, pobre), ao descrever o namorado, acentua o modo de vestir na sua definição de *padrão*, que para ele também está associada ao trabalho:

Ele é um pouco baixo, mais baixo que eu. Acho que ele deve ter 1,70. [Tu tens quanto, Reginaldo?] Eu tenho 1,82. Aí ele já tem 32 anos. Já tá ficando calvinho. E tem uns cabelinhos brancos. E um pouquinho gordinho, fofinho. [É, a cor dele, como ele se veste...] Ele é branco. Ele é o que as pessoas chamam de *padrão*. *Padrão*. [Qual é esse *padrão* Reginaldo?] Esse padrão tipo, ele tem perfil de homem hetero sabe? [Hum] Até pela atividade que ele exerce. [Qual é a atividade dele?] Ele trabalha na prefeitura. (...) é um meio que tem muito homem, né? [Humrum] Ele também faz engenharia e administração na Federal [Certo.] Aí, é um espaço muito, muito masculino, sabe? Masculinizado.

Júlio (30, *boy*, *versátil*, branco, solteiro, superior incompleto, desempregado, remediado), um típico *boy padrão*, descreve as características dos homens com os quais costuma se relacionar, também *padrões*:

[Tu consideras que tu tens um tipo?] Eram parecidos com o que eu gostaria de aparentar. Uma coisa meio espelho até. [E como é isso?] Sei lá, é como se fosse uma versão minha, só que mais bonita, mais malhada. Como se eu tivesse me relacionando com algum ideal meu, mas que não seja uma coisa muito, sei lá, que não seja um loiro, por exemplo, entendeu? Pele clara, é, enfim. Um pouco mais alto. Talvez

um pouco mais musculoso, mas não muito, porque eu não gosto de cara muuuito musculoso. E é isso, talvez mais dotado e por aí vai.

Como Júlio, Gilberto (24, branco, *pintosa*, *ativo*, solteiro, superior incompleto, professor, pobre) destaca a capacidade de atração erótica do *padrão*, relacionada ao *shape* produzido por uma série de cuidados corporais:

Quanto mais gatinho você for, quanto mais forte, sarado, você for, mais chances você tem de desenrolar alguém pra sair naquela noite direto pro motel ou pra casa, pra ter uma transa. [Tem um ideal, assim, do corpo?] Tem um ideal do corpo (...). Até se você não estiver com vontade de se relacionar sexualmente naquela noite, se você encontra um cara que você diz assim: “Caramba, esse cara é muito gato”, você acaba rompendo o que você tinha planejado pra aquela noite, sabe? Que era só dançar. (...) [Como é esse cara?] É o cara *padrão*, sabe? Pelo menos é o que eu e os amigos, a gente vivencia. (...) geralmente é um cara mais alto, tipo com 1,80 ou mais. É um cara que ele tem é... o *shape*, né? O corpo mais definido. É um cara que ele tem um sorriso, né? Bem cuidado. (...) os caras com barba são aqueles que mais trazem esse ideal assim de tipo: “Do Cara”, sabe? Que você quer ir, quer se deixar envolver.

Gilberto é o que mais enfaticamente sublinha os aspectos raciais da categoria. Não obstante, talvez por estar falando em uma pesquisa acadêmica e recear ser julgado negativamente, ele titubeia para iniciar o seu comentário, como que se desculpando pelo que iria dizer. Ele prossegue:

E acho, também, que, embora possa, embora possa não, embora seja, né? Algo no sentido do contexto racial, acho que os homens brancos que têm esse perfil que eu falei, eles têm uma certa vantagem nesse sentido, sabe? Tanto pra mim, que sou um homem branco, também, quanto pra outros amigos meus que são gays e são negros. E eu os vejo se deixando envolver muito mais fácil quando é um cara desse perfil, sabe?

Ferdinando (25 anos, branco, *pintosa*, *versátil*, solteiro, estudante universitário, classe média) vai um pouco mais adiante e mostra que a categoria *padrão* também vai ser utilizada para classificar os espaços de sociabilidade *gay*. Referindo-se ao período antes da pandemia de COVID-19, menciona os espaços do Vale das Ninfas<sup>8</sup>,

8 Modo como nossos interlocutores se referem à região que abriga a sociabilidade *gay* no Centro do Recife, cujo epicentro está na esquina entre a avenida Manuel Borba e a rua das Ninfas. O uso de Ninfas na nomeação da localidade também tem a ver com a frequência majoritária de jovens e *pintosas*. Uma boate e vários bares concorrem entre si e com o comércio ambulante pela clientela LGBT+, especialmente nos finais de semana (cf. RIOS, 2021).

que qualifica como acolhedor aos LGBTQ+: “*porque são poucos que existem que aceitam gays, né? Ali, a rua das Ninfas, é onde todo mundo vai, todo mundo se encontra no Bar do Céu, na Metrópole, no Conchittas... E algumas festas destinadas ao público: a Tarantina, a Carola. É, é bem acolhedor*”. No entanto, ele logo se recorda que há divisões, e, sem pestanejar, apresenta uma hierarquia de corpos que têm como diacrítico a beleza:

Claro que vai ter os nichos, né? Todo lugar tem seus nichos. Têm os nichos dos *padrões*, que só falam e conversam com *padrão*, tem o nicho das *feias* que só ficam com as *feias* e conversam com as feias (risadas), e tem o nicho das *normais*. Mas, no geral, eu acredito que quando os nichos não se estranham, funcionam da forma que tem que ser, né?

Na categorização proposta, *padrões* antagonizam com as *feias*; as *normais* seriam um tipo mediano entre os dois primeiros, implicitamente também em beleza. Ele também usa sua classificação para descrever os três últimos parceiros com quem transou sem o uso da camisinha:

A penúltima e a antepenúltima foi com um menino com quem eu estava fazendo um sexo casual já tinha um mês, um mês e meio: ele é um rapaz branco, 30 anos, também baixinho deve ter no máximo 1,69. Um corpo físico bem trabalhado, definido. Um *padrão*, olhos claros, cabelos claros, lisos. Com bigode.

Em Ferdinando, *padrão* assume o sentido dicionarizado do termo, na significação do modelo que deveria guiar a produção corporal (física e subjetiva) gay masculina, mas que não é alcançada por todos. O que Ferdinando não diz, mas que podemos afirmar pelas nossas observações pelas lentes das estilizações e considerando a categorização de nosso interlocutor, é que a grande maioria das pessoas frequentadoras do Vale seriam classificadas por ele como *feias* e *normais*.

## Os rolês de Miguel

Miguel, o jovem *padrãozinho* com alma de *poc* do início deste texto, é formado em Geografia e faz Arquitetura numa universidade pública. Precisou largar o trabalho como professor para se dedicar ao outro curso, que estava prestes a concluir. Na ocasião da entrevista, fazia um estágio na área e ganhava cerca de um salário mínimo. Quando consideramos a renda *per capita* familiar, o localizamos na classe média. No entanto, ficamos em dúvida sobre sua classe social ao considerar outros indicadores. Vejamos como ele descreve o local de moradia em um dos bairros mais pobres e violentos da RMR:

Eu moro no UR3, lá no Barro. (...) Pertinho do Alto Dois Carneiros, pertinho do Pantanal. Eu moro no Pantanal, na verdade, que é uma... o Ibura é assim. (...) parece uma boneca russa, aquela que você vai abrindo assim as caixinhas. (...) Você mora em cinco comunidades. [Você podia, assim, descrever um pouco como é tua rua? (...)] É a típica rua de favela não urbanizada. (...) Só lama e mato. (...) pra ilustrar a paisagem, tipo eu acho que o UR3, hoje em dia, é uma das partes mais pobres do Ibura, assim, sabe? Porque (...) é um dos poucos lugares que eu vejo barraco, lona, etc. e tal, ainda. A minha rua em si, não. É mais antiga, a parte que eu moro, mas na vizinhança, assim, têm umas invasões e tal. Aí, tem gente que tá morando numa situação bem precária mesmo, sabe? (...) é um bairro bem pobre (...). A maioria das pessoas que vive lá, acho que vive de casa própria, mas aquele negócio, né? Invadiram os terrenos no começo dos anos 90. (...) O que não aconteceu com a gente, lá em casa (...) porque o meu avô ganhou no jogo do bicho, (...) aí ele comprou o terreno onde a gente vive hoje em dia.

Miguel experimenta a realidade de muitos de nossos entrevistados, que embora relatem uma renda familiar e *per capita* que os localizem em uma dada classe econômica, esta parece não condizer com o esperado para as condições do bairro de moradia e/ou com o *ethos* ou com certos aspectos dos estilos de vida narrados.

Em Miguel, temos um rapaz de classe média, caminhando para uma segunda formação universitária, num curso considerado “de elite”<sup>9</sup>, ligado à estética das moradias, residindo em um bairro pobre da periferia. Certamente, o fato de a casa ser própria contribui para a permanência da família no local. Seu processo de escolarização e redes de amizade tornaram-no capaz de entender os códigos múltiplos, marcados economicamente e culturalmente por classe, necessários para circular pelos diferentes “cantos” da cidade.

[Você falou que, quando está com um pouquinho mais de dinheiro, você vai pra rua da Mamede, né?] Humrum. [...] Porque, assim, a Mamede é rolê de burguesinho, né gata? (Risos) Não rola de estar lá sempre, não rola mesmo. Aí, assim, né? Quando é uma ocasião especial. Tipo, eu fiz aniversário dia 07 de setembro agora, aí eu e meus amigos fomos pra lá, tá ligado? Eu e mais dois, que a gente sempre anda assim em trio. E aí, a gente: “Não! Vamos fazer um role chiquezinho hoje!”. E aí a gente vai ali pra Mamede que já gasta. Porque assim, eu do Ibura, a outra bicha de Cavaleiro e a outra bicha do Pacheco, a gente tudo acostumada a gastar/comprar litrão a cinco reais, chega ali na Mamede de sete/oito reais uma de seiscentas, né gata? A gente já fica... Um tira gosto já é... Aí isso é em ocasiões especiais. Aí, geralmente a gente vai fazer rolê mais

<sup>9</sup> Neste caso, os estudantes precisam investir em materiais para uso próprio que requerem recursos financeiros, mesmo estando em universidades públicas.

baratinhos, que é, e que a gente se sente até mais à vontade inclusive, de estar no espaço, entendesse?

Ele é um homem alto e diz preferir usar roupas pretas, deixando-o pronto tanto para o trabalho como para alguma balada. Um modo de vestir que reitera a masculinidade dos gestos e do corpo, configurando-o como *padrão*. Sobre as preferências eróticas, Miguel diz que juntou as fotos dos meninos com quem ficou e constatou que são muito diferentes uns dos outros: *“têm uns que são super afeminados, têm outros que são bem machudinhos. Teve um que eu fiquei que ele era bem padrãozinho, e sempre são as piores experiências que eu tive.”* Ele justifica dizendo que é *“muito diferente o jeito que essas pessoas se enxergam enquanto gays, é uma forma muito mais hostil.”*

Talvez ele esteja se referindo ao modo elitista de diferenciar os corpos e lugares, presente entre muitos *boys padrão*, como muito bem exemplificado por Ferdinando, e que muitos chamam de fazer *carão*<sup>10</sup>, que contrasta com a disposição de Miguel para circular entre diferentes ambientes em companhia dos amigos, também moradores dos bairros pobres da cidade. Sobre o rapaz, ele diz: *“Ele é da minha altura e ele é fortinho assim, entendesse? (...) Ele tem a pele da tua cor mais ou menos. (...) Não é afeminado, só que o que não deu certo, foi uó”*. *Tinha uma química sexual boa, mas não era bom conversar, sabe?”*

## Sexo anal sem uso do preservativo

Miguel relata que conheceu o rapaz pelo *Twitter* e depois passou a segui-lo em outra rede social da *Internet*, o *Instagram*. Passaram uma semana conversando *online* e marcaram uma cerveja, em um rolê *“burguesinho”*, na Mamede. *“[...] a gente tomou uma e tal, não sei o quê, beijamos e vamos pra casa, cada um pra sua casa. (...) o beijo encaixou mulher. (...) Fiquei com um fogo da moléstia.”* O rapaz dizia que não era passivo. *“Aí, eu: ‘Humrum, tudo bem é claro (...) eu não estou lhe exigindo nada aqui, assim, sabe?’ Fique de boa e tal.”* Dias depois combinaram um novo encontro, onde rolou a primeira transa:

Fui do Ibura pra lá, pra San Martin. Aí dormi lá, na casa dele, do sábado para o domingo. (...) nas preliminares, nessas preliminares não houve nenhuma ação ativa dele. (...) quando eu fico com esses *boys* assim que diz assim bate o pé no chão e diz eu não sou passivo, já sei que vai dar, vai dar o cu. (...) Ainda mais quando ele é super machudinho, feito esse *boy* era.

<sup>10</sup> “Na gíria, a [bicha] ‘carão’ é afetada, esnobe e blasé. Sente-se única, superior. Não anda. Desfila. Jura ter prestígio e bom gosto. Assume ares de poderosa, antenada, descolada, por dentro da moda. Mas despreza pobres, negros e nordestinos. Humilha garçons, porteiros, seguranças, faxineiros.” (FRANÇA, 2013a, p. 161)

<sup>11</sup> Gíria que tem o significado de uma coisa muito negativa.

Miguel não levou camisinhas para o encontro sexual, mas afirma que tinham camisinhas na casa do parceiro, mesmo que não as tenham utilizado. “*Eu simplesmente ignorei, eu acho que por ser... É uma merda a gente dizer isso, de que a gente confia na imagem da pessoa, é nesse confiar na imagem da pessoa que a gente toma no cu<sup>12</sup>, né?*”

Ainda sobre práticas de gestão de risco ao HIV, é importante sublinhar que as entrevistas aqui discutidas aconteceram em um período com escassez de campanhas voltadas ao HIV/Aids, que ocorreram principalmente na *internet* e voltadas para homens cisgênero heterossexuais. Em 2020, já bastante afetadas pela onda conservadora nas diferentes instâncias do Estado (PAIVA; ANTUNES; SANCHEZ, 2020), a pandemia da Covid-19 se tornou o principal problema de saúde pública, desmobilizando ainda mais as estratégias governamentais de prevenção do HIV.

A Profilaxia Pré-Exposição (PrEP) já fazia parte dos recursos da “prevenção combinada” desde finais de 2017 (BRASIL, 2017), mas era pouco divulgada, e nenhum dos participantes da pesquisa relatou fazer dela uso, embora 28 deles tivessem ouvido falar da PrEP e 25 demonstrassem saber como funcionava. Números semelhantes já tinham ouvido falar ou conheciam a profilaxia pós-exposição (PEP), disponível no SUS desde 2010. Quatro entrevistados fizeram uso de PEP. Os recursos preventivos mais utilizados foram a camisinha externa e a testagem – seja como modo de saber a condição sorológica após a exposição ao risco, ou, em menor medida, para dar suporte à soroescolha<sup>13</sup>.

Para a maior parte dos entrevistados, o preservativo externo foi utilizado de maneira inconsistente. Somente seis entrevistados não relataram SASP. A vinculação afetiva com os parceiros era importante para a decisão pelo SASP, sendo mais comum a ocorrência de cenas de SASP entre namorados e pessoas que viviam juntas (casados ou em união estável) e com amigos e pessoas conhecidas. Menos comuns foram cenas de SASP com pessoas desconhecidas (cf. RIOS et al 2019).

Olhando o conjunto das entrevistas, observamos que nas cenas de SASP com cônjuges, namorados, amigos e conhecidos estão associadas às emoções *amor* e *amizade*, e/ou conhecer a rotina do parceiro sexual, que configuram o sentimento de *confiança*.

Adalberto (25 anos, amarelo, *pintosa, versátil*, namorando, atendente de telemarketing, superior incompleto, pobre) relata que as últimas cenas de SASP foram com um primo, com quem já tinha costume de “ficar” /ter sexo. Ele justifica que “*não tinha essa vida ativa de ficar com outras pessoas, só era eu e ele. Então, a gente colocou isso na cabeça, que não precisava.*” Sublinha que não usou camisinha por “*questão da confiança; em questão da gente ter essa rotina de ficar, né?! Só eu e ele.*” Como ele, Fabrício comenta (25 anos, branco, *boy, versátil*, solteiro, ensino médio completo,

12 Geralmente a expressão é carregada de preconceito heteronormativo e tem o sentido de “se dar mal”.

13 A soro-escolha entra no rol das chamadas práticas alternativas de gestão de risco para o HIV ou práticas soroadaptativas. As principais são soro-escolha, SASP com parceiros de mesma sorologia; o soro-posicionamento, escolha da posição no sexo anal em função da sorologia do parceiro; coito interrompido; segurança negociada, mediação do SASP pela testagem e acordos sobre como proceder caso haja sexo fora da parceria (cf. FERRAZ & PAIVA, 2015).

pobre) sobre o ultimo SASP: “É, não foi combinado. Foi nada combinado. Foi uma coisa assim: momentânea mesmo. (...) Foi com a mesma pessoa de sempre. (...) Acho que pelo fato também de ambos confiarem um no outro.”

Já com pessoas desconhecidas, o uso abusivo de substâncias, o *tesão* e a aparência corporal assumem preponderância na justificativa, muitas vezes marcada por vergonha e culpa de ter deixado a camisinha fora da cena sexual e se exposto ao risco de se infectar pelo HIV e outras ISTs. Para Wellington (21 anos, negro, *boy*, *versátil*, solteiro, desempregado, ensino técnico, pobre) o *tesão* prevaleceu:

A gente começou a se pegar e tal... A ficar... Rolou o clima mesmo. E aí, na hora de botar a camisinha - eu quem fui o ativo com ele -, (...) ele disse que não precisava. Minha consciência pesou legal, só que estava um fogo muito grande. O *tesão* falou mais alto, estava realmente coisa, assim, fora do controle. E aí, como ele disse: “Ah não precisa e tal...” Eu simplesmente penetrei ele e a gente começou a transar. Aí, foi aí que acabou e eu fiquei: “meu deus do céu!” (Wellington)-

Pedro (24 anos, negro, *boy*, *passivo*, namorando, residente de medicina, ensino médio incompleto, classe média) relata o uso de álcool e outras drogas no contexto de SASP.

Conscientemente eu sei que era pra ser usado, eu sei que era o certo a se fazer, eu sei que era pra fazer, mas a verdade que eu tava muito doido, tava drogado, tava deitado, tava assim eu nem sei.. Tava muito doido e nem me lembro direito, sei que rolou, então, é isso. (...) [Teve uso de álcool, no caso?] Aham, álcool, álcool, drogas e bebidas, drogas, drogas, enfim. [...] [É, mas como foi marcada a transa?] Não, não foi marcada a transa, foi tipo a gente tava ... Foi uma festa no motel.

Deixando as reflexões sobre o uso de substâncias, especialmente o álcool, para um outro momento, exploremos mais um pouco a aparência e sua relação com o *tesão*. Os inquéritos comportamentais com HSHs apresentam como aparência saudável (ANTUNES & PAIVA, 2013; GALVÃO NETO, 2013), um importante justificativo para o SASP.

Sublinhemos que, sub-repticiamente, a menção de atributos saudáveis, está presente na descrição de muitos dos parceiros sexuais nas três últimas cenas de SASP, sempre enfatizando aspectos considerados belos nos homens. A descrição feita por Gilberto do que seria um corpo atrativo no “meio gay” (sic.), remete diretamente à cultura *fitness*, que conjuga exercícios físicos, alimentação e cuidados corporais, que devem expressar, a um só tempo, saúde e beleza (ABREU; ZOBOLI; MANSKE, 2021). Como ele diz, qualquer um iria querer ficar com um homem com um *shape padrão*.

Ferdinando, em seu elitismo, é explícito sobre sua classificação do belo, mas, ainda que implicitamente ela está amplamente presente, guiando as interações. Estamos falando das hierarquias da desejabilidade como algo que afrouxa a disposição para o uso da camisinha, e merece aprofundamento, de modo a podermos também aprofundar a discussão sobre como essas hierarquias interferem na disposição para SASP.

## Discussão: Hierarquias de desejabilidade

### Gênero

Nas primeiras fases da pesquisa aqui discutida, intrigava à equipe que, nas entrevistas, a grande maioria dos interlocutores afirmasse preferir se relacionar com homens masculinos, os *boys*. Em adição, tanto *boys* como *pintosas*, também diziam não desejar sexualmente homens femininos. Isso levou os pesquisadores a indagarem com quem as *pintosas* se relacionariam sexualmente; se *boys* e *pintosas* as rejeitavam. Foi quando, olhando mais uma vez o quadro analítico, se depararam com narrativas sobre a estilização *cafuçu*, objeto privilegiado de desejo das *pintosas*. Para algumas delas, o requisito para estabelecerem uma parceria sexual não era apenas do parceiro ser masculino e *ativo*. Em adição, o *cafuçu* foi descrito como um homem pobre, negro, rude, não *gay*-identificado, que também faz sexo com mulher e quando fica com outro homem é em função de interesses não sexuais (dinheiro ou bens) (RIOS, 2021).

As entrevistas realizadas entre 2019-2021, acima descritas, permitem ir um pouco mais além na análise das agências, estilizações e performatividades de homens percebidos como masculinos e belos. Se em Rios (2021) olhamos para a figura do *cafuçu*, configurada entre raça (negro), classe (pobre), sexualidade (HSHM não *gay*-identificado) e gênero (masculino), desta feita olhamos para outro ponto de convergência da desejabilidade *gay*, o *boy padrão*.

Emerge, então, um esquema que parece organizar, nas entrelinhas, as muitas parcerias narradas acima, sublinhando como sentidos de classe social configuram e reforçam subcategorias de gênero dos HSH, hierarquizando-as eroticamente. De outro modo, *boy padrão*, *boy*, *cafuçu* | *bicha cocote*, *pintosa*, *bicha poc* falam de gênero e falam de classe.

### Classe social

Numa primeira síntese, podemos dizer que na definição de *padrão* alguns demarcadores parecem se sobressair a outros, especialmente os relacionados à conformação física. Não obstante, renda é um marcador que aparece subsumido nas descrições e, no contexto brasileiro contemporâneo, fundamental para garantir o *shape*:

corpo malhado, cabelo e barba “na régua”, sorriso bem cuidado, camisa de botão e sapato de couro. Além do acesso a espaços em que “homens bonitos” frequentam, como os citados por Ferdinando em sua descrição elitista das estilizações e o modo como os homens, categorizados pela beleza, deveriam se portar nos espaços de sociabilidade LGBT para garantir o acolhimento.

A cena *gay* investigada em Recife, na qual, neste texto, focamos nos corpos dos interlocutores, dialoga bastante com os espaços investigados por França (2013a) em São Paulo, que distingue — e para dialogar com a classificação de Ferdinando — três nichos de mercado, aos quais ela toma como exemplo as festas da boate *The Week*, direcionada a *gays* de classe média e alto poder aquisitivo; a festa *Ursound*, para o público dos ursos e as do Boteco do Caê, para um público da periferia, majoritariamente negro. A autora descreve os frequentadores da *The Week* do seguinte modo:

... **rapazes de classe média e alto poder aquisitivo – ou aspirantes** – viviam (ali) a possibilidade de elaborar versões de si a partir da interação com outros rapazes gays de mesma classe social e de experimentar o que consideravam um estilo gay bem sucedido. **O compartilhamento de códigos sinalizados por meio de objetos constantemente visibilizados** – como a barra da cueca, em que estava exposta sua marca – era capaz de estabelecer afinidades e barreiras num ambiente em que processos de distinção social pareciam ser muito evidentes. (...) naquele espaço encontrei com mais frequência a valorização do casal ‘igualitário’ (...) associado ao individualismo moderno: exagerando um pouco nas tintas, **as parcerias tidas como ideais se davam entre rapazes de mesma idade, mesma cor de pele, mesma classe social e mesma aparência física.** (...) A explicação de um interlocutor sobre o capital sexual e sobre a importância da aparência e do corpo, nesse mercado erótico-afetivo, expressa bem a dinâmica das parcerias: segundo ele, **quanto mais forte o corpo modelado pela academia, pela alimentação ou por substâncias químicas, maior o capital sexual do indivíduo**, o que, num sistema de equivalência, representa maior poder de troca, atraindo também corpos mais valorizados. (FRANÇA, 2013b, p. 154, grifos nossos).

Certamente, Ferdinando e os nossos outros interlocutores facilmente categorizariam os frequentadores da *The Week*, descritos acima, como *padrões*. Queremos sugerir que o *boy padrão* configura, por meio das marcas que carrega, uma estilização de homens gays de classe média e elite, os quais ostentam, no próprio corpo, a capacidade financeira e produzem, em nossos interlocutores, beleza e desejabilidade erótica.

Classe social abrange não apenas demarcações econômicas, relacionadas às condições de renda e de poder aquisitivo, ao acesso a bens e a serviços, mas também culturais, relacionadas ao *ethos* e ao estilo de vida. As duas dimensões se dão entrelaçadas

nas experiências vividas. Classe social, assim como sexo/gênero, sexualidade e raça, são sistemas simbólicos que constituem moralidades e condutas (FRY, 1982; BOURDIEU, 2007; BARATA et al., 2013). Os objetos/símbolos que engendram, materializam e sinalizam as categorias de classe<sup>14</sup> podem transitar na sociedade, conferindo sentidos de uma determinada categoria de classe para corpos e lugares que, por um prisma mais econômico, seriam de uma outra categoria (RIDENTI, 2001).

*Padrão* não diz respeito necessariamente ao poder aquisitivo, mas evoca disponibilidade financeira, porque são necessários tais recursos para manter o *shape* descrito por Gilberto. E há quem, embora pobre, gaste boa parte dos seus poucos recursos econômicos para comprar roupas de marca, treinar numa academia e cuidar da aparência dos dentes e pelos corporais. Exprime uma performatividade que se organiza numa estilização que intersecciona o corpo físico e marcas de gênero, classe e, enfaticamente, raça.

### Racialização da classe

Enquanto tipo ideal e efeito de uma classificação politética, algumas características são mais valorizadas que outras na configuração da estilização *padrão*. Reginaldo classifica o seu último parceiro como tal, apesar deste aparentar não possuir todas as características necessárias para ser classificado de tal modo, por não possuir um corpo tão atlético assim e emitir sinais de estar chegando ao final da adultez: “*Já tá ficando calvinho e tem uns cabelinhos brancos. E um pouquinho gordinho, fofinho*”. Certamente um homem negro pode ser considerado e se considerar *padrão*, mas isso não parece ser o usual.

A raça (branco) parece mais determinante do que a idade (juventude) em algumas dos usos *ad hoc* das caracterizações. Parceiros pardos ou pretos, mesmo tendo corpo atlético, serem jovens e performarem masculinidade, não são descritos por eles como *padrões*, sendo chamados de “negro/pardo” ou “negro e malhado” quando requisitados para serem descritos. As narrativas sinalizam a existência de uma racialização do gênero e da classe social na configuração das hierarquias de desejabilidade erótica.

Simões, França e Macedo (2010) discutem o modo como raça e gênero se articulam à desejabilidade por homens negros na cena *gay* paulista da área central (Praça da República, a Avenida Vieira de Carvalho e o Largo do Arouche), frequentada por homens da periferia. Como em outros contextos, os tipos mais masculinos são mais desejados que os femininos. Não obstante, os autores identificam uma configuração racializada bastante valorizada, nomeada de *negão*. Em sua composição entram vestimenta (boné, camiseta regata justa, bermudão ou jeans), tipo físico (alto e musculoso), performance de gênero (masculina) e cor de pele escura, alinhando-

<sup>14</sup> No nosso caso, por exemplo, a conformação corporal e cor da pele, as roupas e sapatos, os lugares de frequência, seriam esses objetos; imagens, categorizadas como de classe social, que produzem sentidos (sensações, significações, emoções, ações) que remetem à renda, e também a *ethos* e modo de vida.

se expectativas positivas relacionadas a tamanho de pênis, desempenho sexual e sensualidade. Quem estilizava essa figura seria alvo de grande interesse erótico, podendo também ser tomado por garoto de programa. No entanto, esse personagem, se era desejável para o sexo casual, deixaria reticências em relação às parcerias fixas. Além do *negão*, se junta na cena homossexual do centro paulista outro personagem racializado: a *bicha preta*. Essa, no entanto, dadas as agências de feminilidade, figuraria no patamar mais baixo da hierarquia da desejabilidade.

Retomemos a pesquisa de França (2013<sup>a</sup>: 56), nos modos como ela descreve os frequentadores do Samba do Caê, também na Vieira de Carvalho. Ela permite perceber campos de possibilidades mais variados, frente às hierarquias racializadas do gênero dos HSHs, como o rapaz de periferia de estilo *hip hop* e outras performatividades:

O lugar em que as classes populares apareceram, predominantes, assim como rapazes negros, foi o Boteco do Caê. (...) Uma complexa negociação se dava ali entre marcadores referentes à cor/raça e a sexualidade, transformando o samba num lugar confortável para a bicha que se via impedida de dançar à frente da bateria na escola de samba e pro mano que não podia flertar com outros rapazes no balanço do samba rock. (...) No samba foi possível visualizar com maior clareza a figura da bicha popular, posição evitada por boa parte dos homens que acessei durante a pesquisa – e que parece assombrar a todos com a ameaça da vergonha e abjeção social. (...) do lado oposto, o rapaz da periferia com aparência masculina e gosto por rapazes semelhantes tinha mais dificuldade na negociação de um lugar confortável e inteligível para si. As parcerias entre os rapazes masculinos eram correntes no samba, especialmente entre aqueles de visual mais próximo do hip hop, que pareciam se interessar por outros de estilo parecido. Apesar disso, o mais comum é que as parcerias se dessem de acordo com um polo masculino e outro feminino, o que não resultava necessariamente na recusa a um desejo de igualdade e de troca – no sentido de compartilhar experiências e ideias - nos relacionamentos.

França (2013a) ressalta que no Samba encontrou histórias de *bichas* que, em certo sentido, apontavam para vantagens sociais de seus pertencimentos de sexualidade/gênero, que permitiam maior mobilidade — geográfica e social — em relação aos seus pares hetero de mesmas origens socioculturais. Esse assunto foi melhor explorado por Moutinho (2006), que refletiu sobre as agências realizadas por jovens homossexuais negros, e o trânsito por territórios e classes. Ela observa que estes possuem um “campo de possibilidades” afetivo-sexuais mais amplo do que os de rapazes e moças heterossexuais, e mesmo de lésbicas e travestis, habitantes do mesmo contexto, interagindo afetivo-sexualmente com homens de classes mais abastadas. Pinho (2011), no entanto, ressalta que, embora as possibilidades de trânsito sejam maiores, em especial para os negros considerados belos (fortes, másculos, sensuais), o modo como

as hierarquias de sexualidade/gênero, na intersecção com raça, mantêm posições de subalternidade para os homens negros. Diz o autor:

A cena homossexual parecerá a alguns mais tolerante ou aberta em termos de raça ou classe, um aspecto frequentemente explicado pelas dimensões das comunidades homossexuais ou por características peculiares a realização do desejo homossexual. Entretanto, a convivência de homens gays de classes, raças, posições sociais e mesmo estilos de vida diferentes, significa igualdade ou simetria? Não podemos recair aqui no erro já superado pela sociologia das relações raciais, que a princípio não entendia que proximidade e mesmo intimidade não significava ausência de dominação e violência, pelo contrário a constituía. (PINHO, 2011, p. 123)

O alerta de Pinho (2011) é muito pertinente quando voltamos à descrição do *boy padrão*. Decerto, ele está no topo da hierarquia não apenas por ser másculo, mas por se beneficiar de investimentos financeiros na conformação corporal (físico definido; dentes bem cuidados; cabelo, barba, bigode, roupas e sapatos conforme a moda), de modo que produz sentidos de classe média. Mas, para os homens negros, foram raras, entre nossos interlocutores, as interpretações da estilização de gênero-classe, *padrão*, ainda que o capital financeiro e cultural estivesse figurando em seus corpos. Ser *padrão* é mais um privilégio da branquitude.

Cida Bento (2022) define branquitude como um pacto narcísico tácito entre pessoas brancas para manter privilégios, perpetuando as desigualdades raciais. A autora entende a branquitude como um lugar de vantagem estrutural, em que pessoas brancas tendem a ocupar posições de destaque e poder, e pessoas negras são marginalizadas.

Certamente, a estilização *padrão*, serve de modelo de construção subjetiva para homens negros. Não obstante, nas redes de homens gays e outros HSHs vemos o privilégio se manifestar na desejabilidade erótica e seus “senões”: na objetificação do *negão* que é bom de cama, mas não é bom pra casar; na *bicha preta pintosa, poc*, que perde triplamente a atratividade erótica, por raça, por gênero e produzindo, pela própria cor da pele, sentidos de classe (pobreza); na negação aos nossos interlocutores negros, que investem no *shape*, de um status de classe/eroticidade superior, também relacionada à cor de suas peles e outros indicadores raciais.

## Vulnerabilidade ao HIV/Aids

Vários estudos têm discutido o modo como as emoções, associadas às vinculações afetivas, contribuem para a produção de cenas de SASP (CHAKRAPANI et al., 2013; NODIN et al., 2014, GRACE et al, 2014). No caso brasileiro, o *amor*, nas parcerias fixas, e o *tesão*, nas parcerias ocasionais, são as principais justificativas dos participantes das investigações para realizarem SASP (SILVA & IRIART, 2010;

ANTUNES & PAIVA, 2013; GALVÃO NETO, 2013). Ao longo das fases da pesquisa aqui discutida, temos percebido que a *confiança* é um importante sentimento que concorre nas cenas de SASP, e ela se produz não apenas com namorados e outros parceiros fixos, mas também no sexo ocasional. Nas justificativas para o sexo inseguro, muitos relataram o fato de os parceiros serem conhecidos e amigos (RIOS et al, 2019).

Do mesmo modo, a classe social e a escolaridade tem sido reportadas pelos HSHs como importantes marcadores para se permitir SASP. A justificativa é que pessoas com maior escolaridade e de classe média seriam melhor informadas sobre saúde sexual se protegeriam mais, portanto seria mais seguro ter sexo com elas (GRACE et al, 2014, RIOS et al., 2019).

De modo geral, seja pelos vínculos, posições sociais e emoções/sentimentos que engendram, observa-se uma presunção da sorologia positiva para o HIV dos parceiros com base em indicadores pouco confiáveis pois não são a testagem (DE LUIZ, 2013; SILVA & IRIART, 2010; CHAKRAPANI et al., 2013; NODIN et al., 2014; BARRETO, 2018). Como em outros estudos, percebemos que muitos de nossos interlocutores recorrem às redes sociais *online* e *offline* como forma de melhor conhecer parceiros, a princípio estranhos, e, identificando afinidades, sobretudo, com pessoas conhecidas e amigas, se sentem mais à vontade para seguir em frente com investidas afetivo-sexuais e também para, em momentos de muito *tesão*, realizarem SASP (RIOS et al., 2019).

Mas, a estilização corporal do parceiro também importa na produção do sexo desprotegido. Vários estudos mostram como possuir “aparência saudável” é importante justificativa, junto com *amor* e *tesão*, para SASP (ANTUNES & PAIVA, 2013; GALVÃO NETO, 2013; DE LUIZ, 2013; SILVA & IRIART, 2010; CHAKRAPANI et al., 2013; NODIN et al., 2014; GRACE et al, 2014; BARRETO, 2018).

Rios et al., (2019a) observam a emergência de uma estilização de saúde e doença, informada pela própria história da epidemia do HIV, em que as imagens midiáticas de Cazuzu e Magic Johnson ajudaram a produzir as estilizações estigmatizantes do “aidético” e do “soropositivo de aparência saudável”, produtoras de emoções de medo e de repulsa, que mobilizam modos de agir durante e depois da cena sexual, seja a exigência da camisinha ou a necessidade de testagem. Estilizações de magreza e de beleza são importantes diacríticos nas suas configurações. Gilberto nos lembra: “... quanto mais forte, sarado você for, mais chances você tem de desenrolar alguém pra sair naquela noite direto pro motel ou pra casa, pra ter uma transa.”

No caso de Miguel, a cena de SASP com um desconhecido teve a “*imagem da pessoa*” como a principal justificativa. Como outros de nossos interlocutores, em ondas anteriores de entrevistas, a cena de SASP de Miguel, tem muitas nuances e envolve o uso de vários dos roteiros sexuais de prevenção do HIV acima descritos. É importante sublinhar com a narrativa que, mesmo com o uso da “aparência saudável” como indicador para se permitir ao SASP, ainda se está no regime de produção de *confiança*. Se olharmos com calma sua narrativa, e sem querer desprezar o poder da imagem no início, desenrolar e desfecho do enredo, percebemos todo um percurso para que a *confiança* fosse engendrada e fortalecida.

Vemos como ele busca a *confiança*, conversando com o então estranho, frequentando suas redes sociais, da mais impessoal o Twitter (atualmente X), para aquela que usualmente se apresenta como vitrine social das pessoas, quase sempre recheada de amizades *offline*, o *Instagram*. Resolvem sair da tela e se encontram num rolê chique, classe média, para tomar algumas cervejas. Conversa vai, conversa vem, surge o primeiro beijo, em um momento de muito *tesão*.

O *fogo* cresce, mas não “vão para a cama” no primeiro encontro *offline*. Para muitos de nossos interlocutores, adiar o encontro sexual é entendido como um sinal de que a pessoa pode estar querendo mais que apenas sexo, embora a realidade fruste muitas expectativas. A possibilidade de namoro. A *confiança*, que já vinha sendo construída por conhecer a *bolha* da *Internet* da pessoa, os gostos e afinidades ali expressos incrementam o *tesão* e o desejo por namoro (*amor*). As conversas continuam demonstrando interesse afetivo-sexual e resolvem partir para a primeira *transa*. Miguel se desloca para a casa do parceiro e não leva a camisinha. O parceiro tem camisinha em casa, mas não disponibiliza para uso.

Na nossa interpretação, o que está implicitamente atuando para reforçar a disposição para SASP é a estilização *boy padrão* e todos os sentidos (significações, valores e emoções) que ela emite, de parte a parte. A beleza, o cuidado corporal, produz não apenas sentidos de saúde; é também indicativa de classe média, em seus sentidos elitistas da pessoa ter mais informação e, portanto, estar (miraculosamente) mais protegida. Tudo isso contribui para o desfecho, no duplo sentido da expressão utilizada por Miguel: “*por confiar na imagem da pessoa que a gente toma no cu!*”.

## Considerações Finais

Ao longo do texto buscamos argumentar que *boy padrão* articula uma variedade de marcas corporais como de idade (que configurem um jovem estabelecido financeiramente), de gênero (que configurem masculinidade), de “cuidados com o corpo” (que configurem classe média), de raça (que configurem branquitude) numa estilização de homens, valorados enquanto belos, produtores de desejabilidade erótica. Estilização que, muitas vezes, ajudam a produzir homens elitistas, que se acham superiores pelo que ostentam pelos/nos corpos, e olham com *carão* para quem não seja espelho de si mesmos.

Mas é preciso lembrar que o *padrão* não é o único modelo de beleza e objeto do desejo dos homens da RMR, ele é o modelo das classes médias. Como já sugeria Fry (1982), em relação à formação das parceiras sexuais, as classes médias têm importante poder na produção de opiniões e de imposição de gostos e modos de ser a outras categorias de classe social; ainda assim, convive com outros modos de viver e pensar. Há diferentes critérios e configurações de beleza/atração, relacionados a outras formas de pertencimento, como a valorização de gordos, peludos e maduros, nos contextos dos *ursos* (RIOS, 2018; FRANÇA, 2013a), e a beleza *cafuçu*, dos contextos suburbanos

e do trabalho sexual (FRANÇA, 2013b; RIOS et al, 2019b). Outros estudos devem investigar as hierarquias de sexo/gênero/classe/raça, suas lógicas, como organizam opressões e desejos e como interferem na configuração de práticas sexuais e de riscos para as infecções sexualmente transmissíveis.

Para o campo da compreensão dos contextos de vulnerabilidade ao HIV/Aids, o *padrão* atualiza sentidos de saudável (pelos cuidados de si, pela beleza e pela associação entre classe média e maior escolarização) que pode ajudar a despotencializar o uso do preservativo no sexo anal, sobretudo em cenas em que outros indicadores reforcem o *tesão* e a *confiança*. Nossas análises contribuem para dar densidade etnográfica a uma importante dimensão intersubjetiva da vulnerabilidade, expressa na categoria “aparência saudável”, recorrente justificativa para o SASP nos inquéritos comportamentais.

Por outro lado, sublinhamos que as configurações, usos e interpretações de *padrão* foram variados. Como toda categoria êmica, *padrão* possui muitos sentidos, porque depende da situação de uso e do próprio posicionamento de quem a estava utilizando. Além disso, cada configuração é única e é, ao mesmo tempo, citação e novidade (BUTLER, 2013; PINTO, 2013) frente aos tipos ideais de ser homem. De outro modo, a estilização de gênero é um efeito de sentido e dependerá de como um conjunto amplo de características serão objeto de interpretação que será sempre circunstancial e em função dos olhos de quem vê. Dois observadores podem interpretar de modo diferente a configuração. Ainda assim, as análises de fases anteriores da pesquisa mostram a pertinência de considerar as estilizações para analisar os efeitos dos sistemas de significação social na violência, discriminação, sofrimento psíquico e desejabilidade (RIOS et al., 2019b; RIOS: ADRIÃO, 2022).

As narrativas sobre os papéis de Miguel ajudam a colocar em perspectiva os modos como vão sendo tecidas as diferentes dimensões de classe social, que, no caso RMR, parecem não funcionar de modo muito linear. A renda familiar e aspectos do *ethos*, a formação universitária, o fato de parar de trabalhar para realizar uma segunda formação, em um curso considerado de elite, contrasta fortemente com a precariedade do bairro de moradia e a disponibilidade financeira para os papéis com os amigos. O “duplo pertencimento” permite que ele circule pelos diferentes lugares de lazer da cidade, seja nas favelas próximas à sua moradia, seja nos *rolês chiquezinhos* do centro do Recife, cuja frequência é mediada pela renda, mas também por dominar os códigos e saber como interagir confortavelmente onde estiver. Talvez por isso ele diga, com bastante convicção e cheio de graça, que é um *padrãozinho* com alma de *poc*.

## Referências

ANTUNES, Maria & PAIVA, Vera. Territórios do desejo e vulnerabilidade ao HIV entre homens que fazem sexo com homens: desafios para prevenção. *Temas em Psicologia*, n. 21, 2013, p. 1-19.

BARATA, Rita Barradas et al. Classe social: conceitos e esquemas operacionais em pesquisa em saúde. *Revista de Saúde Pública*, v. 47, n. 4, 2013, p. 647-655.

BARRETO, Victor Hugo. Risco, prazer e cuidado: técnicas de si nos limites da sexualidade. *AVÁ*, v. 31, 2018, p.119-142.

BENTO, Cida. *Pacto da branquitude*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. Condição de classe e posição de classe. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.

BRASIL. *Diretrizes para a organização dos serviços de saúde que ofertam a profilaxia pré-exposição sexual ao HIV (PrEP) no Sistema Único de Saúde*. Brasília: Ministério da Saúde, 2017.

BRASIL. Ministério da Saúde (MS). *Boletim epidemiológico Aids*. Brasília: MS; 2024.

BUTLER, Judith. *Cuerpos que Importan: Sobre los Límites Materiales y Discursivos del "Sexo"*. Buenos Aires, Paidós, 2013.

BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003.

CASTRO, de Magnus Willian et al. Desigualdade de renda e classes sociais: indicadores socioeconômicos do Espírito Santo – PNAD 2009. Nota Técnica. n. 17, janeiro de 2011.

CHAKRAPANI, Venkatesan et al. Contextual influences on condom use among men who have sex

with men in India: subjectivities, practices and risks. *Culture, Health & Sexuality*, v. 5, n. 8, 2013, p. 938-951.

DE LUIZ, George. The use of scientific argumentation in choosing risky lifestyles within the scenario of aids. *Interface*, v. 17, n. 47, 2013, p. 789-802.

DEVERELL, K.; PROUT, A. Sexuality, identity and community: the experience of MESMAC. In: PARKER, R.; Aggleton, P. (org.). *Culture, society and sexuality: a reader*. Londres: UCL Press, 1999.

FACCHINI, Regina; FRANÇA, Isadora Lins; BRAZ, Camilo. Estudos sobre sexualidade, sociabilidade e mercado: olhares antropológicos contemporâneos. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 42, jan./jul. 2014, p. 99-140. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/kJQKf6Hsr7MpyGXXjcZmyGv/?lang=pt>. Acesso em: 1 jul. 2023.

FERRAZ, Dulce & PAIVA, Vera. Sex, human rights and AIDS: an analysis of new technologies for HIV prevention in the Brazilian context. *Rev. Bras. Epidemiol*, v. 18, suppl.1, 2015, p. 89-103.

FRANÇA, Isadora Lins. Espaço, Lugar e Sentidos: Homossexualidade, Consumo e Produção de Subjetividades na Cidade de São Paulo. *Revista Latino-americana de Geografia e Gênero*, v. 4, n. 2, ago./dez. 2013a, p. 148-163.

FRANÇA, Isadora Lins. Frango com frango é coisa de paulista: erotismo, deslocamentos e homossexualidade entre Recife e São Paulo. *Sexualidad, Salud Y Sociedad*. Rio de Janeiro, v. 1, 2013b, p. 13-39.

FRY, Peter. *Para inglês ver: identidade e política na cultura brasileira*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

GALVÃO NETO, Celestino. Comportamentos, atitudes e práticas sexuais e de saúde de homens que fazem sexo com homens em SUAPE. 2013. Dissertação de Mestrado em Psicologia. Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2013.

GRACE, Daniel et al. HIV-negative gay men's accounts of using context-dependent sero-adaptive strategies. *Culture, Health & Sexuality*, v. 16, n. 3, 2014, p. 316-330.

MONTEIRO, Simone et al. Identidades, trânsitos e diversidade sexual em contextos de sociabilidade juvenil no Rio de Janeiro (Brasil). *Cadernos Pagu*, v. 35, jul/dez. 2010, p. 79-109.

MOUTINHO, Laura. Negociando com a adversidade: reflexões sobre “raça”, (homos) sexualidade e desigualdade social no Rio de Janeiro. *Revista Estudos Feministas*, v. 14, n. 1, 2006, p. 103-116.

NODIN, Nuno; LEAL, Isabel; CARBALLO-DIÉGUEZ, Alex. HIV knowledge and related sexual practices among Portuguese men who have sex with men. *Cad. Saúde Pública*, v. 30, n. 11, 2014, p. 2423-2432.

PAIVA, Vera.; ANTUNES, Maria Cristina.; SANCHEZ, Mauro. O direito à prevenção da aids em tempos de retrocesso: religiosidade e sexualidade na escola. *Interface*. Botucatu, 2020; 24:e180625.

PARKER, Richard. *Corpos, prazeres e paixões: a cultura sexual no Brasil contemporâneo*. São Paulo: Best Seller, 1991.

PINHO, Osmundo. A. Desejo e poder: Racismo e violência estrutural em comunidades homossexuais. In: CÁCERES, C.; MOGOLLÓN, M. E.; LUNA, G. P.; OLIVOS, F. (org.).

*Sexualidad, Ciudadanía y Derechos*. Lima: Instituto de Estudios en Salud, Sexualidad y Desarrollo Humano/Universidad Peruana Cayetano Heredia, 2011. p. 121-124.

PINTO, Joana Plaza. O percurso da performatividade. *Revista Cult*, v. 185, 2013, p. 35-36.

RIDENTI, Marcelo. *Classes Sociais e Representação*. São Paulo: Cortez, 2001.

RIOS, L. F. et al. Posições sexuais, estilos corporais e risco para o HIV entre homens que fazem sexo com homens no Recife (Brasil). *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 24, 2019b, p. 973-982.

RIOS, L. F. “Paizões”, “filhotes” e a “simbiose do amor”: regulações de gênero entre homens frequentadores da comunidade dos “ursos” no Recife (Brasil). *Etnográfica*. Lisboa, p. 281-302, 2018.

RIOS, Luís Felipe et al. O drama do sexo desprotegido: estilizações corporais e emoções na gestão de risco para HIV entre homens que fazem sexo com homens. *Sexualidad, Salud Y Sociedad*, Rio de Janeiro, v. 32, 2019a, p. 65-89.

RIOS, Luis Felipe. Da hierarquia à igualdade? Parcerias sexuais, estilizações de gênero e classes sociais entre homens com práticas homossexuais. *Revista Brasileira de Estudos da Homocultura*, v. 04, n. 15, set./dez. 2021, p. 219-248.

RIOS, L. F. *Era uma vez...* Memórias de um escutador de histórias interpelado pela pandemia da Covid-19. Memorial para professor titular. 2020.

RIOS, Luis Felipe; ADRIÃO, Karla Galvão. Sobre descrições, retificações e objetividade científica: reflexões metodológicas a partir de uma pesquisa sobre condutas sexuais e HIV/Aids entre homens com práticas homossexuais. *Saúde e Sociedade*. São Paulo, v. 31, n. 1, 2022, p. e210427.

RIOS, L.F.; VIEIRA, L. L. F. Sobre a “mundiça” e as “bichas cocotes”: Georreferenciação e classe social nos circuitos gay do Recife. *Revista Periódicus*, v. 1, 2022, p. 217-250.

RUBIN, Gayle. *O Tráfico de Mulheres: Notas sobre a “Economia Política” do Sexo*. Recife: SOS Corpo, 1993.

ABREU, J.; ZOBOLI, F.; MANSKE, G. Educação do Corpo e a prática corporal do CrossFit: usos políticos e sentidos estéticos da cultura fitness. *Revista Cocar*, v. 15, n. 32, 2021.

SEGATO, Rita L. *Santos e Daimones: O Politeísmo Afro-Brasileiro e a Tradição Arquipal*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1995.

SILVA, Luís & IRIART, Jorge. Práticas e sentidos do barebacking entre homens que vivem com HIV e fazem sexo com homens. *Interface*, v. 14, n. 35, 2010, p. 739-752.

SIMÕES, Júlio Assis; FRANÇA, Isadora Lins; MACEDO, Marcio. Jeitos de corpo: cor/raça, gênero, sexualidade e sociabilidade juvenil no centro de São Paulo. *Cadernos Pagu*, v. 35, jul/dez. 2010, p. 37-78.

WEBER, Max. A objetividade do conhecimento nas ciências sociais. In: COHN, G. A. “objetividade” do conhecimento nas ciências sociais. São Paulo: Ática, 1979. p. 79-127.